

CARTA ABERTA

A S. EXA. O SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Depois de termos passado as férias do Verão, que nos anos pretéritos gastávamos na preparação do ano lectivo imediato, na expectativa duma reforma que se dizia iminente, fomos notificados, já no decorrer de Outubro, de que deveríamos iniciar o ano lectivo 77/78 segundo os planos em vigor no ano transacto, inclusive o 1º ano. Já os horários e a distribuição do serviço docente tinham sido realizados nesta conformidade quando chegou ao nosso conhecimento o despacho 231/77, que instaura os novos curricula para o 1º ano, e promete os correspondentes aos restantes anos para os primeiros meses de 1978. Muito embora saibamos que as nossas observações vão incidir apenas sobre 1/4 da reforma anunciada, nem por isso queremos deixar de manifestar a V.Exa. os nossos pontos de vista sobre o assunto, até porque no despacho que instituía as Comissões Inter-Universitárias se declarava que a reforma não entraria em vigor antes das Escolas interessadas serem ouvidas, o que não se verificou.

Os curricula agora determinados para o 1º ano das Faculdades de Letras suscitam-nos, a nós docentes de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa, não poucos reparos, quer de ordem prática, quer de ordem teórica, os quais passamos a expor, começando pelos primeiros, por, apesar de tudo, ainda serem talvez os menos relevantes.

Como já acima ficou dito, horários e distribuição de serviço já se encontravam fixados quando surgiu o novo plano. Obviamente muita coisa terá de ser refeita, reajustamentos terão de ser efectuados, planos de novas cadeiras terão de ser preparados. Deixamos ao cuidado de V.Exa. a avaliação do quanto tal irá resultar em sobrecarga de trabalho para os docentes, em perturbações e transtornos para os discentes, em prejuízo para o bom andamento do ano lectivo!

Mas, ainda na mesma ordem de ideias, não é menos grave a obrigação (aliás de saudar com muito agrado nas suas intenções) em que o nosso Departamento é colocado de assegurar a cadeira de Latim I a talvez três ou mais centenas de alunos das antigas Românicas: novos planos de curso (pois muitos desses alunos não fizeram Latim no liceu), desdobramentos de turmas (assegurados por quantos docentes?), possível necessidade de contratação de mais pessoal docente (mas com garantias de continuidade de funções?), etc, etc. Quanto a isto apenas salientamos serem dificuldades facilmente evitáveis: bastaria para tanto que os novos planos ou tives-

sem sido apresentados antes das férias do Verão, ou então apenas entrassem em vigor em 78/79, o que, em qualquer dos casos, já permitiria uma planificação do ano escolar em moldes menos incorrectos.

Passemos, porém, às questões teóricas. Tanto quanto podemos julgar pelos planos ora propostos para o 1º ano, a sorte reservada à Filologia Clássica peca por uma estreiteza de vistas que, se poderá justificar-se por motivos de ordem económica(!), não tem, pelo contrário, a apoiá-la quaisquer argumentos válidos de ordem científica e cultural. Vejamos porquê.

Nos últimos três anos, que para a nossa secção não foram de "degradação pedagógica", procurou-se alargar o conceito de Filologia Clássica e levá-lo a incluir certas especialidades que pareceu desejável pôr desde logo em funcionamento, embora idealmente constituíssem o embrião de futuros departamentos autónomos: referimo-nos concretamente, entre outros, ao caso das cadeiras de Latim Medieval e Humanístico, ou de Grego Moderno, das quais poderiam um dia nascer Departamentos de Estudos Humanísticos, de Estudos Neo-helênicos, em articulação com outros Departamentos já existentes ou a criar, (História, Filosofia, Literaturas Modernas, etc.). Concebemos este alargamento como um enriquecimento (nunca um desvirtuar) da Filologia Clássica: a Julgar pelo que nos é agora proposto voltamos a uma concepção limitativa no tempo e no espaço!

O esquema rígido agora na nossa frente visa a preparação de "técnicos de ensino", que é como quem diz, de professores do Liceu a quem exige o cumprimento de um *curriculum* inicialmente pragmático: aprender bem agora, aquilo que deverão ensinar depois. Esqueceu-se, o que é lamentável, que uma cultura (Clássica ou não) é basicamente confronto, diálogo entre o hoje e ontem, exploração de todas as técnicas susceptíveis de alargarem a nossa visão, análise dos mais variados aspectos de uma civilização. Para esse fim se introduziu grande número de cadeiras, em que se abordava o estudo das línguas e literaturas antigas sob as mais variadas ópticas, em que se consideravam os vários aspectos de interligação entre cultura e sociedade, entre literatura e política, entre religião e filosofia, etc., etc. Perguntamos: que lugar se reservou, neste *curriculum* pragmático, para aquelas disciplinas que, quanto a nós, mais poderiam contribuir para uma formação verdadeiramente superior?

Verificámos, e com agrado, que na textura "secção" de Línguas e Literaturas Modernas se permite a organização de múltiplos *curricula* pela combinação de duas especialidades, tipo Português-Francês, Francês-Inglês, Inglês-Alemão, etc. Uma possibilidade de semelhante combinatoria já fora sugerida nas nossas propostas de reestruturação, com a importante diferença de que para ela entravam também os Estudos Clássicos (Gregos e/ ou Latinos). Ora os actuais planos segregam a Filologia Clássica, que mantém acorrentada ao estudo do Português. Já conhecemos o "científico" argumento de que a cultura clássica é indispensável para explicar a cultura portuguesa. O que já não percebemos é como ela é dispensável para explicar a outras culturas (inglesa, alemã, ...), como se a civilização greco-romana só tivesse exercido a sua influência neste privilegiado recanto da Península Ibérica! Se na prática será possível aproveitar um futuro Licenciado em, p. ex., Português-Alemão, em virtude de que misterioso princípio é que seria inaproveitável um eventual Licenciado em Latim-Inglês, ou em Português-Grego?

Sabemos, Senhor Ministro, que todos estes reparos cumprem o dever platônico de deixar expressa a nossa posição, de vincar a nossa certeza de termos feito o que julgamos melhor, de exprimir o nosso receio ante o empobrecimento, que reputamos grave, prática e teoricamente, para a Filologia Clássica representado pelo rígido *curriculum* agora imposto, em confronto com a maleabilidade que três anos de constante esforço tinham podido dar-lhe. Resultados práticos, não estamos optimistas ao ponto de os esperar. De qualquer modo, ao fazê-los, se roubamos algum tempo ao Senhor Ministro, ficamos pelo menos de consciência tranquila.

José Antônio de Almeida
 Instituto de Letras

Acadêmico de Letras
 Universidade de São Paulo

Dr. José de Almeida

Maria de Almeida

Universidade de São Paulo

Joaquim Lourenço de Carvalho

Universidade de São Paulo